



RESENHA CRÍTICA

STEINER, George. *Gramáticas da criação*. São Paulo: Globo, 2003.

Criação e invenção

Margareth Schäffer

Uma obra envolve enigmas, enigmas como um nó bastante particular, os quais se tramam ao longo de uma escrita. Lacan, lendo Joyce, afirma que um enigma é uma enunciação de tal ordem que não lhe encontramos o enunciado; há um dizer, alguma coisa se diz, mas o que é dito nos escapa. Steiner, ao procurar estabelecer as gramáticas da criação, tenta cercar o dito que nos escapa acerca das origens. O autor realiza uma longa viagem no intuito de responder à seguinte questão: Que significa, em última instância, a criação? A leitura desse relato de viagem – *Gramáticas da criação* – exige muito do leitor, pois não se trata de um texto com uma escrita linear, nem de respostas prontas às interrogações acerca da criação. O leitor necessita oferecer sua contribuição à leitura e tramar seus próprios caminhos.

Steiner inicia examinando os tempos que vivemos, os quais são marcados pela opressão e pela irracionalidade social, pelo eclipse do “messiânico”, pela transição rumo a novas cartografias e novas formas de se contar uma história. Menos por oferecer respostas e mais por levantar interrogações acerca desses tempos, a obra *Gramáticas da criação* de Steiner (2003) é muito bem vinda, pois traz um alento à essencial exaustão que marca o “clima espiritual do século XX” (p.10). Tal exaustão parece apontar para uma inumanidade que é perene, pois não temos tido acesso concreto a utopias, instâncias de perdão ou comunidades de justiça. Assim, para o autor, o liberalismo do século XIX e o positivismo científico “consideravam evidente em si mesma a expectativa de que a difusão da escolaridade, do conhecimento, da produção científica e tecnológica, do livre intercâmbio e do contato entre comunidades diversas resultaria numa melhora concreta da civilidade, da tolerância política e dos mecanismos dos negócios

públicos e privados” (idem, p. 12) Esperanças não concretizadas, pois não foi só a educação em si que se mostrou incapaz de fazer “com que a sensibilidade e o conhecimento resistissem à irracionalidade assassina. Num nível mais perturbador, a evidência comprova que a própria intelectualidade refinada, o virtuosismo estético, a apreciação das artes e a eminência científica” (idem, p. 12) ou colaboraram com os totalitarismos das mais diversas ordens ou, no melhor dos casos, permaneceram quase que indiferentes à barbárie sádica que os circundava. Steiner considera que o próprio estatuto da esperança hoje é problemático, pois o século XX colocou em xeque a garantia teológica, filosófica e político-material da esperança. “É um século que tem questionado a plausibilidade e a credibilidade dos tempos futuros e que tem tornado cada vez mais justificável a afirmação de Franz Kafka de que existe uma abundância de esperança, mas não para nós” (p.17). Se não há esperança, não pode haver futuro; assim, a mais profunda crise que vivemos diz respeito justamente ao tempo futuro. Para o autor, nós hoje recordamos os tempos futuros. Nesse sentido, o livro *Gramáticas da criação* representa, por um lado, um *in memoriam* por futuros perdidos e, por outro lado, a análise sobre a palavra e o conceito de “criação”, num “período no qual o pensamento e a cultura do ocidente se mostram tão fascinados pela questão das origens. “Seja em teologia, em filosofia ou em nossa compreensão da arte, da música e da literatura, a noção de ‘criação’ é fundamental” (p. 24).

No que concerne às questões sobre “criação”, o autor estabelece diferenças entre esta e a invenção. Entretanto, nenhuma discriminação deve ser absoluta, “pois há impurezas da invenção em atos de criação assim como pode haver vestígios ou prenúncios de uma criatividade autêntica na prática da invenção” (p. 137). Há um jogo de identidades e diferenças entre os conceitos que é, ainda, pouco explorado. Em relação a esse jogo, o autor pergunta se “O eclipse do messiânico não estaria minando o conceito de criação poética e filosófica da mesma forma como as teorias desconstrucionistas e pós-modernas estariam subvertendo o de ‘criador?’”(p. 24). Comentando que o papel da criação nas origens da arte é central a toda análise que pretende fazer, Steiner diz que o que está tentando elucidar

(...) são as formas pelas quais a liberdade, a gratuidade da criação estética e a constância de formas ausentes e alternativas em determinados processos criativos podem contribuir para o estabelecimento das diferenças entre o próprio conceito de criação e o de invenção. De que formas a liberdade de não ser ou de ser algo diferente pode se transformar em algo tão fundamental no processo criativo? (p. 145)

Na busca por tal resposta, o autor examina desde a Bíblia, Platão e a *Divina Comédia* até Proust, o *hip pop* e a internet. Realiza, ainda, analogias entre a matemática, a física, a ciência e a arte para provocar, no leitor, a volta ao ouvir,

sendo que até ouvir é uma questão de fé. Assim, para o autor, é bem provável que toda arte, no fundo, seja mesmo um diálogo com Deus. Parece que a obra *Gramáticas da criação* pretende estabelecer a sintaxe desse diálogo, o que não é algo pequeno e sem problemas.

A obra inteira constitui um diálogo recorrente com toda uma tradição filosófica, cosmológica, literária e artística, cujo fio condutor é o jogo de diferenças e interpenetrações entre a criação e a invenção. Problema altamente complexo, já que “Na criação – e esta pode constituir efetivamente uma diferença essencial em relação à invenção –, as soluções são como mendigos, comparadas à riqueza do problema” (p. 146). Os conceitos de criação e invenção sempre encontram-se vinculados a um contexto, “sendo que o campo semântico de ambos é o da história em seus componentes sociais, psicológicos e materiais” (p. 277).

Os campos que gravitam ao redor da idéia de “criação” são muito ricos, e o que torna necessário o conceito de criação é justamente o postulado de uma “singularidade”, de um começo do *e* no tempo. Sempre que se discutem modos de elaboração, experiência, singularidade, o conceito de criação aparece como inevitável e problemático. Em outras palavras, “em todas as instâncias das quais participa, o verbo ‘criar’ continua singularmente ressoante e perturbador” (p. 33). A pergunta Por que me criastes? faz ressoar a perturbação de um vendaval cuja resposta só pode suscitar um conjunto de interrogações, as quais têm o valor intrínseco do incompreensível, digamos, um valor positivo e fascinante. À criação só podemos congregar mesmo o valor do positivo, de uma afirmação. A criação só pode afirmar, arrebatá-lo. Steiner diz que a criação é uma experiência que, se não consola, ao menos é capaz de arrebatá-lo. Cita Nietzsche para dizer que este resumiu bem toda essa dualidade numa nota enigmática escrita na primavera de 1888: “A arte afirma. Jó afirma” (p. 59). Essa articulação entre criação e afirmação interessa-nos sobremaneira, pois diz, de um outro modo, aquilo que Deleuze spinozista (1976) nos alerta, ou seja, para direcionarmos nossas paixões para a alegria do afirmativo (aumento de potência do ser) e não para a tristeza do negativo (baixa de potência do ser). Perguntamo-nos: o tentar tangenciar a articulação entre criação e afirmação só pode nos remeter ao indizível, às origens, ao nada primal? Entretanto, a criação não surge do nada, do zero e sim da “zerobibilidade”, do movimento entre afirmar e criar. Assim, não é do nada, de um ponto fixo do nada que a criação surge; ela surge de um ponto móvel do nada, o que pode parecer paradoxal.

Outro ponto interessante que o autor nos apresenta diz respeito à relação que ele faz entre originalidade e polifonia, ou seja, mesmo o mais original do artistas é polifônico: “Acredito que seja unicamente essa polifonia que consiga esclarecer minimamente o paradoxo do anonimato assinado e da coletividade do singular na arte, na música e na literatura” (p. 99). Assim, as gramáticas da criação entrelaçam-se ao polifônico da singularidade como uma “verdadeira busca do amor sob os mais altos riscos” (idem). É nesse sentido que podemos

afirmar que o texto de Steiner é a própria polifonia dada a ver na sua escrita.

Após uma longa trajetória, o autor chega, finalmente, à discussão da autoria, que é problemática justamente por conta das possibilidades abertas pela cibernética e pela internet. As discriminações entre a criatividade humana, a invenção tecnológica e o experimento controlado (como os que são realizados na ciência), “estão sendo dissolvidas. O brilho dessa dissolução sugere enigmas filosóficos do mais alto interesse. A medalha de ouro deveria ir para o construtor ou para o *software*? E, nesse caso, o que poderia significar a autoria?” (p. 324) Autoria e criação interligam-se. Entretanto, o autor pergunta-se se as impressionantes modificações na cultura geral, pelos evidentes progressos tecnológicos não alterarão fundamentalmente o conceito de autoria e as analogias entre a “autorias e as gramáticas da criação?” (p. 327). Ainda, se tal progresso, de tão ensurdecedor e subliminar, não estaria nos entorpecendo, pois provoca um ruído sobre a consciência e as antenas de percepção inescapável. Para o autor, as luzes estroboscópicas da imediatez, sejam as do estímulo sensorial, da informação ou do imaginário, cegam nossas últimas reservas internas de visão. Tal imediatez e o conseqüente entorpecimento envenenam os centros nervosos da criatividade. Assim, na “pornografia do ruído, a privacidade tranqüila, tornou-se um privilégio de afortunados ou condenados” (p. 329). As correlações entre o silêncio, de um lado, e a criação ou a invenção, de outro, são múltiplas.

Interessante é o modo como esse recolhimento do sujeito, esse silêncio, essa entrega – a um mar silencioso – acabam tornando-se um requisito do pensamento e da imaginação. Tais pessoas são as que ouvem mais profundamente, o que parece ser contraditório, mas não o é, pois para poder voltar a ouvir é necessário menos coisas para ouvir, menos estímulos auditivos. Assim, “o ouvido interno do pensador, do poeta ou mestre de metáforas parece apreender toda a densidade do silêncio que precede o primeiro relâmpago da forma original” (p. 331). Em certo sentido, o que está sendo proposto é uma estreita inter-relação entre a escuta e a criatividade, as quais estão ameaçadas pelo abandono crescente de nossos centros criativos. Tais centros, de determinada forma, são abalados pela incapacidade contemporânea de solidão e privacidade, bem como de silêncio. Não a solidão que é marcada por uma aristocracia natural e uma recusa em participar; é a solidão que se recusa a fazer parte de um grande espetáculo, onde tudo é exposto, tudo é falado, tudo é ouvido – bombardeio de estímulos sensoriais. Mas podemos hoje nos abrigar do *voyeurismo* desses bombardeios, “dessa volúpia de exibição e auto-exibição que inflama os apetites das mídias e de seu público?” (p. 334). Nossos recursos criativos se vêem afetados por esse colapso da possibilidade de solidão e reserva; a democracia e a internet nos convidam a participar de tudo (p. 337). Existe algo mais terrorífico, mais perverso, do que a obrigação de participar de tudo?

Finalmente, frente às descobertas científicas e as invenções tecnológicas, o autor pergunta se ainda faz sentido separar invenção e criação. A relação entre

a epistemologia das ciências e a noção de criação sempre foi problemática (p. 354). Para as ciências, o conceito de criação não parece ter função alguma;; o de invenção faz todo o sentido. Entretanto, o ser humano continua insistindo sobre as questões que a ciência definiu como impertinentes ou irrespondíveis; “a alegria e a mágoa humana, a angústia e o júbilo, o amor e o ódio continuarão exigindo uma expressão articulada” (p. 355); continuarão exigindo o trovão da criação para poderem ser articulados. Assim, para Steiner, “Nós temos sido, acredito que ainda sejamos, hóspedes da criação. Devemos a nosso anfitrião a cortesia dos questionamentos” (p. 356).

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Espinoza e os signos*. Porto-Portugal: Rés-Editora, 1976.

STEINER, George. *Gramáticas da criação*. São Paulo: Globo, 2003.

Margareth Schäffer é professora da Faculdade de Educação da UFRGS.

Endereço para correspondência:

E-mail: marga@edu.ufrgs.br